

Água Viva

Interpelação

Há muito tempo que me sinto habitada por sentimentos de espanto, respeito e quase reverência por aqueles que sofrem de doença incurável e a quem os médicos já desenganaram. Hoje em dia, que a medicina já pode actuar de forma mais eficaz sobre a dor física, aqueles doentes têm, de facto, mais possibilidade de levar a sua vida desafiando a normalidade. Mas interiormente como se sentem? Se todos sabemos que, mal nascemos, estamos aptos para morrer, a verdade é que viver com os dias contados, deve ser aflitivo. É certo também que nem todos reagem da mesma maneira. O nosso psiquismo nem sempre é previsível e, às vezes, em situações-limite o ser humano como que se ultrapassa a si mesmo e reage de forma inesperadamente lúcida e pacífica. De qualquer caso, estamos sempre perante um abismo de mistério e dor!

Foi assim, com estes sentimentos, que me aproximei da casa do Manuel. Ele havia-me marcado aquele dia e hora, pois achava que nessa altura o efeito do medicamento para as dores já se fazia sentir, ao contrário do dia anterior, em que estava com muitas dores, quando o contactei telefonicamente. A mãe, que o assiste, uma senhora franzina e com ar terno, abriu-me a porta e pediu-me que aguardasse um pouco. Ao fim de algum tempo, introduziu-me no quarto do Manuel, um quarto relativamente pequeno, com uma grande imagem de Nossa Senhora, perto da cama, e vários símbolos religiosos: um verdadeiro oratório, como logo o classifiquei. Um doente meio deitado, meio encostado que de vez em quando, ao mexer, se torcia com dores, mas com uma cara super risonha e serena. O ambiente, calmo. Algum nervoso miudinho que trazia, esvaiu-se completamente. Fiquei, de imediato, muito pacificada.

"Tem um aspecto muito bom, Manuel", comentei, ao estender-lhe a mão, sentando-me numa cadeira próxima da cama. "É verdade: há mais gente a dizer-me isso. Eu acho que é uma graça que o Senhor me dá, continuar a ter uma cara com bom aspecto", respondeu.

E a nossa conversa começou. As perguntas, que eu tinha levado escritas, depressa passaram a ser, para mim, apenas pontos de referência, pois a fluência com que o Manuel falava fazia com que eu não desejasse interrompê-lo. Então preocupe-me, antes, com escutá-lo o mais possível, sinalizando aqui ou ali o diálogo apenas para conduzir a conversa de forma que os factos se ligassem harmoniosamente. As horas foram passando, e o Manuel foi-se revelando com uma singeleza de coração perfeitamente tocante! Quando saí dali, vinha muito interpelada. Sempre considerei a confiança radical em Deus a pedra de toque da fé e, ali estava alguém que, no maior dos sofrimentos, perseverava na confiança e mantinha por Deus um sentimento cheio de ternura. Toda a pessoa do Manuel transpirava confiança!

Senti-me igualmente muito edificada, sentimento que ainda hoje perdura! Não é possível estar a conversar tanto tempo com uma pessoa, a quem os médicos dão pouco tempo de vida, perfeitamente consciente do facto, e com uma aceitação tão activa da situação, sem se ficar profundamente tocado!

A intenção primeira foi a de publicar apenas uma entrevista, porém, após troca de impressões com o director do jornal, decidimos dedicar todo este número à história da vida do Manuel. E sugerimos que a leitura prossiga, de imediato, na última página que nos dá uma visão de conjunto.

Desejamos que todos os leitores possam beneficiar da água viva que corre da vida do Manuel. A ele, um agradecimento muito especial pela disponibilidade demonstrada em aceitar conversar sobre a sua vida, de forma tão amável e serena, mesmo no maior sofrimento. Agradecemos também a nota pessoal sobre a sua relação com o Manuel, de alguns, a quem a solicitámos, enriquecendo o jornal com os seus testemunhos, aqui publicados.

Terminado o nosso encontro, despedimo-nos dele, parafraseando o Francisco, pouco antes de morrer, no diálogo com a sua prima Lúcia. "Até ao Céu, Manuel!"

Filomena Calão

Carmelo de Faro



Imagem diante da qual o Manuel rezou

Caro leitor

- O jornal *Água Viva* continua a manter o seu estatuto editorial, assumindo assim o "compromisso de respeitar os princípios deontológicos da imprensa e da ética profissional, de modo a não prosseguir apenas fins comerciais, nem abusar da boa fé dos leitores, encobrendo ou deturpando a informação".
- Queremos continuar atentos aos valores de que as pessoas e as instituições são portadoras, reconhecê-los e realçá-los, porque continuamos profundamente convictos de que o reconhecimento é o pão do crescimento. Demos a palavra ao Manuel e publicamos, em clave laudatória, o seu relato. Desejamos vivamente que a sua vida a todos edifique.

O "clic" da re-conversão

Um dia, alta madrugada, vinha da Rua do Crime (rua de discotecas, em Faro) já meio cá meio lá. Para vir para casa, tinha de passar forçosamente em frente ao Carmelo Nossa Senhora Rainha do Mundo, no Patacão (convento de Carmelitas Descalças).

Sempre que passava por lá, acenava à imagem de Nossa Senhora, mas, naquela madrugada, a moto parou, mesmo em frente ao convento. Parecia falta de gasolina. Fiquei ali pasmado a olhar para a imagem. Como o muro era pequeno, saltei lá para dentro e ajoelhei. Comecei a falar com Ela. Falava do meu pai, que já tinha falecido; falava da Bárbara (a companheira) que se tinha ido embora, da Mariana e da Sara (nossas filhas). Falava e chorava. E fui ficando, assim, sem dar pelas horas. As Irmãs levantavam-se cedo, e uma delas, mais idosa, viu-me e assustou-se. De facto, já se viu um homem, com fato de motard, cheio de tatuagens e "percings", cabelo comprido, ali de joelhos?!... Foi chamar uma irmã mais jovem. Esta perguntou-me: "Precisa de alguma coisa?" "Não, só senti vontade de rezar a Nossa Senhora." "Está bem! Reze à vontade."

Depois, vim-me embora. Inexplicavelmente, a moto pegou. Dormi até ao meio da tarde, como sempre. Porém, acordei diferente. Tinha uma enorme vontade de rezar. Àquela hora, tinha vergonha de voltar ao convento. Fui para um monte, perto de casa. Rezei e chorei, chorei!... Voltei para casa e, à noite, abri o bar. Por volta da uma da manhã, era mais ou menos a hora do fecho, meti ao bolso a receita que tinha feito e pensei em ir ao casino, onde ia todas as noites. Na altura, os casinos fechavam às três da manhã.

Ao passar no Carmelo, parei e tornei a falar com Ela, mas já mais sereno do que na madrugada anterior. Ela parecia que me sorria. Falei e reconheci, mais uma vez, os meus erros. Quando dei pelas horas, já não dava para ir ao casino. Voltei para casa, e sucedeu o mesmo que no dia anterior: acordei ao meio da tarde, com uma enorme vontade de rezar. Voltei ao monte. Só chorava. Não conseguia falar, a não ser para pedir perdão. Levei assim sete dias seguidos. Ao oitavo dia, senti uma alegria plena. Descobri que podia rezar no quarto. Mas continuei a ir ao monte, de vez enquando. Aqueles campos, com muitas ovelhas, faziam-me lembrar os campos por onde teria andado Abraão!...

Comecei a ler a Bíblia, a frequentar o Carmelo. Procurei a confissão. Não me confessava há trinta anos. O padre Manuel, de São Pedro, Faro, acolheu-me muito bem e disse-me: "Tudo o que me vem dizer, não é a mim que o diz, é ao Senhor! Teve muita coragem em vir e confessar tudo." Depois, acrescentou: "Os teus pecados estão perdoados. Agora vai e não tornes a pecar." Pareciam as palavras de Jesus à mulher adúltera. Que alegria tão grande, eu senti!

Aquele convento passou a ser a minha casa. E, para além da Bíblia, comecei a ler livros da vida de santos: É que eles são pessoas como nós e dizem-nos como amaram a Jesus! Depois daquela madrugada, em que Nossa Senhora chamou por mim, levei três anos seguidos, a ir à missa diariamente. Pelo caminho pensava em Jesus, que durante três anos calcorreou as estradas dos homens anunciando o Evangelho!

Novo estilo de vida

Afastei-me completamente dos jogos do casino, das discotecas, das noitadas. Cortei o cabelo. Mudei de estilo de roupa, tirei os "percings".

Por essa altura, participei nuns encontros realizados na minha paróquia, Santa Bárbara de Nexe, e inseri-me nas Oficinas de Oração e Vida. Também comecei a dar catequese.

Sentia igualmente uma grande vontade de testemunhar o Senhor aos outros, em especial aos mais pobres, a maioria dos quais recorria ao refeitório social da paróquia de S. Pedro, de Faro. Reunia-me, muitas vezes, nos bancos do jardim, com imigrantes de Leste. Cheguei a ir, algumas vezes, comprar comida ao Fórum (Centro Comercial de Faro) e a comer com eles. E conversávamos muito. Alguns, como eu andava com uma cruz ao peito, julgavam que eu era padre e lá tinha de lhes explicar que não era. Também ia à prisão e falava sempre de Jesus e de Maria. Eles gostavam de ouvir, mas mantinham sempre uma certa distância, até que um dia um, com ar muito espantado, me perguntou: "Mas tu não és o Manu?" Assim me chamavam. Ficou muito espantado com a minha mudança e passou a ouvir-me com mais atenção.

A ternura por Nossa Senhora

Quando tinha quinze ou dezasseis anos era meu hábito pedir sempre à minha mãe um ou dois francos para tabaco. Um dia, pedi-lhe vinte francos. Ficou muito admirada e perguntou-me para que queria eu tanto dinheiro. Respondi que era para uma coisa especial, mas que era segredo, não lhe podia dizer. Ela ficou muito aflita. Julgou que me tivesse metido na droga (havia, nessa altura, muitos casos em França) e então seguiu-me. Viu-me ir comprar um ramo de flores e pensou para consigo: "Olha o maroto que já tem uma namorada e não me disse nada!" Mas, a seguir, viu-me entrar numa igreja e, pouco depois, sair sem nada na mão. Tinha ido colocar as flores a Nossa Senhora. A minha mãe gosta muito de contar este episódio.

Apelos à autenticidade

Está à porta o Natal. (O *Água Viva* contactou com o Manuel, poucos dias antes). Tenho muita pena que o comércio à volta desta Festa seja tanto. É mesmo uma pena! Mas cabe a nós cristãos lutar contra essa comercialização exagerada.

À igreja vai-se com respeito e sem barulho. A casa do Senhor é local de oração, para louvar a Deus, venerar Maria e os santos. É preciso fazer silêncio. Depois, fora do templo, é indispensável partilhar a Palavra de Deus, em especial, com os que mais precisam.

É muito importante que os cristãos saibam que não devem tomar o Senhor sem estar na graça de Deus e que devem confessar-se, para se reconciliarem com Deus, consigo próprios e com os outros.

No relacionamento com as outras pessoas, é bom falar de coisas boas, e sobretudo, evitar a maledicência. E no relacionamento com Deus é preciso investir no aprofundamento espiritual das coisas da fé e da vida, e falar a Deus como ao Pai, muito querido.

Testemunhos de pessoas conhecidas

"O sr. Manuel, ou melhor, o Manuel da Cruz, como gosta de ser chamado, é um exemplo vivo e real de como Deus intervém na nossa vida como Alguém que se coloca à frente do nosso caminho, bate à porta do coração e num desejo infinito de amor por cada um de nós, quer-nos totalmente só para Ele. O Manuel teve a graça de ter Nossa Senhora como intermediária entre o Céu e ele; pouco a pouco foi mergulhando neste Amor divino e hoje ao vê-lo tão crucificado no seu leito de dor, amorosamente entregue ao Pai, rezo por ele pedindo ao Senhor o alívio das suas dores mas ao mesmo tempo contemplando o grande Mistério de Deus; o "Manu" faz-me mergulhar nos desígnios insondáveis de Deus! O "Manu" eleva-nos para Deus e este é o maior testemunho dos santos". (*Lúcia de Maria, postulante carmelita, Faro*)

"O Manuel é, para mim, um testemunho vivo do amor de Deus, através da presença solícita, discreta, actual e permanente de Nossa Senhora, Mãe de Deus e Mãe dos Homens, no coração de todos aqueles que se abrem à Sua Ternura". (*Emília Lourenço/ professora reformada, Leiria*)

"O Manuel, de facto, recebeu uma conversão muito profunda. Ele costuma dizer: "Ai de mim se esta doença tivesse surgido antes da minha conversão!" Sempre que o vou visitar, fico muito impressionado pela manifestação da acção de Deus nele. Foi ele o grande impulsionador da Eucaristia anual, dos motards, que se concentram na igreja de que sou pároco. Aceitei o seu pedido. Já lá vão três anos. No próximo dia 16 de Janeiro, será o quarto ano. Fiquei gratificado com os responsáveis de vários clubes. (O club dos motards de Faro convida clubes de motards de outras zonas). No final vieram-me abraçar, muito comovidos, a agradecer a celebração. Para este ano o Manuel perguntou-me se podia vir na sua cama, uma vez que não se pode levantar. Disse-lhe que sim e que podia dirigir algumas palavras aos colegas, se desejasse. Agradeceu muito. Deus há-de revelar-nos, no futuro, como este homem pode vir a ser apresentado, nomeadamente aos motards, como uma luz que os eleva para Deus. Por eles nutre uma enorme estima e cuidado." (*P. Manuel, pároco de S. Pedro, Faro*)

Carinho pelos Motards

Há pouco tempo um colega motard, ainda jovem, veio de propósito visitar-me para eu lhe ensinar a rezar o terço. Também o aconselhei a ler a Bíblia. Sugeri que fosse para o monte e lesse alto. Isso ajudá-lo-ia a sentir melhor o que o Senhor tinha para lhe dizer. Já foi às Irmãs do Carmelo comprar um terço e uma Bíblia e já voltou aqui tão feliz que me deixou a mim também muito feliz.

Com o apoio de várias pessoas da Igreja de Faro, nomeadamente da Paróquia de S. Pedro, consegui que todos os anos em Janeiro, houvesse uma Eucaristia, pelos motards, na igreja de S. Pedro, em Faro, presidida pelo Pároco, P. Manuel. Isto foi há três anos. No primeiro ano, vieram muito poucos. No segundo, muitos mais e no terceiro, quase não cabiam no templo. Teria muita pena, se algum dia deixassem de fazer esta Eucaristia anual. Já disse isso mesmo ao presidente do clube motard de Faro. Este ano, será no dia 16 de Janeiro. Espero estar presente, sendo transportado de ambulância, e participar, embora deitado na minha cama. Até temos um hino.

Na corrida da vida (Hino do Motard)

Motard, sê um sinal de esperança
Nas estradas do mundo que percorres,
Mostrando que quem pára, não avança
Na busca de um ideal que nunca morre

Na corrida da vida
O motard quer parar
Junto à luz que o atrai,
Para escutar Jesus
Que com ele sempre vai

Motard, sê mensageiro, dia a dia,
Dessa paz que Jesus veio trazer,
Fazendo sempre o bem, com alegria,
Pois só quem sabe amar, sabe viver.

Motard, não percas nunca a direcção
Do caminho p'ra vida, que é Jesus
E serás um farol para o irmão
Que os olhos tem fechados para a luz.

Convite à oração

Gosto de convidar os outros a rezar. Mesmo quando estive internado no IPO e enquanto podia locomover-me, pedi autorização à Assistente Social e combinava um sítio onde nos encontrávamos para falar de oração às pessoas internadas e aos que as visitavam. Quando aceitavam o meu convite, eu ficava muito feliz, mas verificava que elas também ficavam. No entanto, sempre havia uma ou outra que não aceitava. Quase sempre mães de crianças doentes. Às vezes, tentava dizer-lhes que, mesmo assim, confiassem em Deus, que valia a pena, mas quando via que estavam muito revoltadas, nesse caso, não ficava preocupado, deixava-as e limitava-me a entregá-las a Deus.

Também gostava muito de ir rezar com os velhinhos do lar de Olhão. Lá, rezar o terço, uma vez por semana, e eles gostavam muito.

Às vezes, sinto pena de já não poder ir ter com eles. Mas espero que já todos saibam que eu estou doente e que praticamente já não posso sair de casa.

A força da Eucaristia

Sinto-me sempre em oração. Estou sempre em diálogo com Deus. E entrego-Lhe constantemente a minha doença, as dores, enfim, todo o sofrimento que a doença me causa. Vou rezando, durante o dia, a Liturgia das Horas. Às 18.30h rezo, todos os dias, o terço com a Rádio Renascença: é bem diferente de rezá-lo sozinho. Escrevo no meu diário: tenho muita coisa escrita. Mas o momento mais importante do dia é quando recebo a Sagrada Comunhão. Graças a Deus, vêm sempre trazer-ma. Ela é realmente a minha força!

Ultimamente, tenho lido a vida de Alexandrina, de Balazar, cujo processo de canonização já está a decorrer. Eu mal me consigo levantar, faço-o com muito esforço, ela viveu muitos anos numa cama e alimentava-se da Comunhão que, como já disse, é também a minha força. Chamava a Maria "a minha Mãezinha" e, curiosamente, sempre foi assim que eu chamei a Nossa Senhora. E a Jesus, "meu amigo, meu irmão". A beata Alexandrina está muito presente em mim, agora.

A Força da Fé

Manuel António Mendes da Silva, natural de Matosinhos, com 49 anos de idade, solteiro, pai de duas filhas, engenheiro técnico de montagem de espectáculos, guia oração das Oficinas de Oração e Vida, na recta final da sua existência terrena, aceitou contar-nos como os caminhos da sua vida o levaram a Deus.



A minha família era muito humilde. Não passávamos fome, mas éramos pobres. Contudo, muito crentes. Sobretudo, a minha mãe foi, e ainda é, um exemplo de santidade.

Claro que, como quase toda a gente lá da minha terra, fomos à missa ao domingo e eu e a minha irmã andávamos na catequese para fazer a primeira comunhão. Lembro-me de ser uma festa bonita, com a família toda reunida, mas ao mesmo tempo eu sentia alguma tristeza por não ter o meu pai connosco, pois estava emigrado na França.

Quando acabei a 4ª classe, fui trabalhar para as obras, dar serventia a pedreiros. Com 12 anos estava a trabalhar numa obra, e um dia a minha irmã veio ter comigo: "Desce depressa, que o pai veio buscar-nos para a França". Oh, que alegria eu senti! Tirei logo o fato de trabalho e ofereci-o a um colega.

Na França, por algum tempo ainda, trabalhei nas obras. Mas pedia sempre a Deus para deixar esse trabalho. Falava muitas vezes com Nossa Senhora, numa capelinha onde me sentia muito bem, na cidade onde vivia. É engraçado, Ela dava-me tudo o que eu Lhe pedia. E consegui deixar as obras. Passei por vários outros empregos até que, com dezoito anos, transitei para o mundo da música. Trabalhei no Olímpia e estudei. Formei-me em engenharia técnica de espectáculos: sou técnico de luz, cenários, som, enfim, montagem de espectáculos.

Depois, formei com amigos, um grupo de música e deixei de trabalhar no Olímpia.

Também me dediquei a um desporto, o boxe, e cheguei a entrar em torneios importantes e a ser vencedor.

Quando era muito pequenino, sonhava alto, pedindo às estrelas que me levassem a dar a volta ao mundo. Isso consegui com a música. Viajei muito. Ganhei muito dinheiro. Em dois ou três dias, ganhava mais que o meu pai durante um mês.

Nessa altura, esqueci-me de Deus e de Nossa Senhora. Tudo me corria de feição: noitadas, boa comida, e boa bebida. Gozar o mais possível, era tudo o que eu queria. Por essa altura, também deixei o boxe. Foi mais ou menos em 1984.

Pouco tempo depois, em 1986, um sócio meu sugeriu-me vir passar férias a Portugal, concretamente ao Algarve que eu não conhecia. Gostei muito. Acabei por me fixar cá, mas os dois primeiros anos foram de férias e de gozo total. Gastei e esbanjei tudo o que tinha ganho. A

minha história é muito parecida à do filho pródigo. Deus ia-me sempre chamando. Aliás, se olhar para trás, vejo muitos momentos especiais. Mas esta ligação a Deus, apesar de existir, era muito distante, afastada. Eu era como aquele terreno da parábola que, ao receber a semente, ela brota logo, mas depois vêm uns ventinhos e, depressa, é abafada.

No Algarve, estabeleci-me com um negócio: um bar, tipo "pub", em Santa Bárbara de Nexe, perto de Faro, onde ainda moro. Mas acabei por o gerir muito mal, porque continuava a viver só para as noitadas. Gastava diariamente entre vinte e trinta contos, em jogo. Passava as noites em discotecas, em grandes farras. A minha família acabou por me abandonar. Hoje, a mãe das minhas filhas é muito minha amiga, visitou-me várias vezes no IPO, e as minhas filhas visitam-me muitas vezes, graças a Deus, mas naquela altura a Bárbara (até pensávamos em casar) não aguentou e foi-se embora com as nossas filhas, Sara e Mariana. Fiquei ainda mais na fossa, mas continuei nas minhas loucuras.

Entretanto há cerca de cinco anos é que aconteceu a grande viragem na minha vida: Foi o chamamento de Nossa Senhora e a minha ligação às Irmãs Carmelitas do Patacão. E a minha vida mudou completamente. (Ver página dois deste jornal.)

Há cerca de ano e meio fiquei muito doente e fui ao médico. Quando o médico me disse que a minha doença não era grave, mas que era muito grave, fiquei, por uns momentos, assustado. Depois, o Senhor libertou-me. Fez-me compreender que devemos aceitar a dor com amor. Partilho-a com Jesus e com Nossa Senhora e entrego as dores pelos que não acreditam. Estou muito grato a Deus, porque Ele deu-me tempo para eu me purificar. Quando ficamos doentes, com esta gravidade, a nossa tendência é entrar em lamúrias e começar a dizer: "Porque é que isto me aconteceu? Porquê? Porquê?... Mas eu acho que mais vale sofrer na terra do que depois. Contudo, é muito importante acreditarmos, com toda a segurança, que Deus não é vingativo: Deus perdoo sempre, sempre!

Dáí que devemos aceitar a dor com carinho. Eu aceito-a como purificação. É uma oportunidade que Deus me dá, e estou-Lhe muito grato. Eu sei que, se o Senhor quisesse podia curar-me, apesar de o médico dizer que eu não tenho cura. Mas se não quiser, eu mantenho n'Ele toda a minha confiança e desejo

que me leve o mais depressa possível. Quero ir ver o Pai e sentir o seu amor e o seu perdão. Qual é o pai que não perdoa?!... Quanto mais Deus! Gostaria muito que todos abrissem o coração a Deus, que se entregassem a Ele e compreendessem a Sua vontade. E que acreditassem, verdadeiramente, que só Deus basta. Ele dá-nos tudo o que precisamos. Só é indispensável ser sincero com Ele e falar-Lhe com o coração, não apenas com a cabeça. Gostaria muito que os que são cristãos compreendessem que, para além da missa ao domingo, é indispensável ter, diariamente, uns momentos a sós com Ele. Trinta minutos sagrados (*metodologia das Oficinas de Oração e Vida*). Essa meia hora dá para sermos santos! Enfim, que todos se saibam amados pelo Pai: Ele é Amor!

Próximas Actividades

• Retiros

- Palmela (Casa de Oração de Stª Rafaela Maria) - A Relação é Sacramento, 28 a 30 Janeiro.
- Fátima (Centro de Espiritualidade Francisco e Jacinta Marto) - O Dom da Eucaristia, 3 a 6 de Março

• Jornada de Espiritualidade

- Fátima (Congregação das Filhas da Igreja) - 15 de Janeiro.
- Fátima (Congregação das Filhas da Igreja) - 23 de Abril

Para quaisquer informações contactar: Sede da FMME, Rua do Imaculado Coração de Maria, nº 2, 2495-441 FÁTIMA. Tel./fax 249534 020.